

## Aprofunda-se o processo de regressão

Marco Antonio Villela dos Santos

*“Estamos nos transformando na grande roça do mundo’... César Borges de Souza, vice-presidente da Caramuru Alimentos, a maior empresa de processamento de grãos de capital nacional.” [1]*

Afirmamos em nosso documento **“Regressão a uma Situação Colonial de Novo Tipo”** [2] que a reconfiguração da formação econômico-social brasileira responde a sua inserção como país dominado no processo de reconfiguração do sistema imperialista, da economia mundial, ou *“a movimentos de expansão e deslocamento da economia internacional”*, como quer o BNDES em seu documento: *“Por que os investimentos na indústria vão crescer”* [3].

A partir desta análise mostramos que as mudanças na estrutura econômica da formação brasileira se expressavam, principalmente, num processo que se desdobrava em quatro movimentos distintos e, ao mesmo tempo, faces do mesmo processo:

1 – *na formação de uma nova estrutura industrial já não mais integrada horizontalmente e verticalmente pelo encerramento de um conjunto, ou de elos, parcelas das cadeias produtivas, de ramos de atividades industriais, segmentos industriais que se faziam desde a extração e manufatura de matérias primas e insumos ao produto final até o encerramento de setores da produção de bens de consumo, que assim passam a ser importados ou somente montados no país (nesse último caso, por monopólios estrangeiros). Com isso, perdem-se segmentos industriais relevantes ou rompem-se elos em cadeias produtivas. A desindustrialização é, portanto, um fenômeno constitutivo da regressão a uma situação colonial de novo tipo.*

2 – *na organização de um novo setor industrial voltado para a constituição de ilhas de produção e montagem de mercadorias, em empresas estrangeiras ou associadas, de média tecnologia, principalmente para exportação. Na pauta de exportações brasileira, a presença de produtos com alto valor agregado, oferta dinâmica e uso intensivo de tecnologia pode permitir conclusões equivocadas. Com algumas poucas exceções, estes produtos que figuram como exportação brasileira, em realidade, de made in Brazil só têm a fase de montagem do que foi produzido em outros países, nas cadeias de produção internacional, organizadas pelas empresas transnacionais imperialistas. Fase de montagem que requer um baixo nível de especialização e força de trabalho barata. A tecnologia e o conhecimento técnico incorporados a essas mercadorias se concentram em peças e componentes importados, e boa parte do valor agregado beneficia as empresas dos países imperialistas onde essas peças e componentes são produzidas, e que organizam estas redes de produção.*

3 – *na constituição de um setor agroindustrial voltado à exportação. Na exportação de commodities minerais. Assim, o pólo dinâmico da economia se transfere para setores voltados à exportação. Portanto, um conjunto de setores que se realizam no exterior. No geral, setores de elaboração de produtos primários. Ou seja, os novos setores dinâmicos têm seu ciclo produtivo concluído no exterior, realizado no exterior. Nesse sentido, o Brasil aprofunda a característica de país exportador de mercadorias intensivas em força de trabalho e derivadas da exploração de seus recursos naturais, baseando-se, para competir no mercado mundial, em sua disponibilidade de força de trabalho barata e de pouca qualidade. A especialização na produção e exportação de commodities é outra das características da regressão colonial.*

4 – *na montagem de um sistema com o objetivo de remunerar o capital financeiro, remunerando com altos juros o capital fictício que circula e só existe nas engrenagens da especulação, através da articulação entre um elevado superávit primário e altos saldos na balança comercial, que permitem remunerar o capital de “cassino”. Capital este que corre para cá com total liberdade atrás das vantagens que só o Brasil e o governo do PT são capazes de dar. Para isto, configura um mecanismo a fim de executar uma punção sobre grande parcela da mais-valia produzida internamente, mesmo quando realizada no exterior, a*

quinzenalmente

### Grupos de Estudo

Informações e participação:  
entre em contato  
com o CeCAC

### Maio

31 de maio, 5ª feira

### Filme e debate

#### **Corações e Mentes**

de Peter Davis (EUA, 1974)

duração: 112 min

*Homenagem a Ho Chi Minh  
e à vitória do povo  
vietnamita contra a  
agressão imperialista*

### Junho

4 de junho, 2ª feira

### Filme e debate

#### **Na Barcaça do Tempo**

*documentário sobre a história  
dos moradores da Ilha Grande*

de Maíra Norton e Julia Penna  
(Brasil, 2006)

duração: 44 min

**com a participação de  
Maíra Norton**

21 de junho, 5ª feira

### Filme e debate

#### **Razões para a Guerra**

de Eugene Jarecki  
(EUA, 2005)

duração: 98 min

### Julho

19 de julho, 5ª feira

### Filme e debate

#### **Memória do Saqueio**

de Fernando Solanas  
(Argentina, 2004)

duração: 120min

**As atividades na sede do  
CeCAC têm início às 18:30 h**

*favor do capital financeiro. Extorque do povo um elevado superávit primário em relação ao PIB, o que possibilita ao governo - mantendo a taxa de juros a mais alta na economia mundial - capturar uma parcela da mais-valia produzida e, comprando os dólares do saldo da balança comercial, transformá-los em remuneração ao capital financeiro beneficiado por estas altíssimas taxas de juros internas oferecidas.* (Boletim do CeCAC, ano XII, nº1)

Podemos dizer que, desde que publicamos nosso texto, se aprofundou, tornando-se mais evidente, com suas características, emergindo mesmo da análise superficial de "indicadores", o processo de regressão, de adequação da formação brasileira aos "movimentos de expansão e deslocamento da economia internacional" e, concomitante, neste processo as frações da classe dominante que vinham com contradição em relação a aspectos do movimento de regressão convergiram, no principal, em sua direção.

Vamos analisar, a partir dos quatro movimentos/características que identificamos acima, com as quais conceituamos o processo de regressão, como este se desdobrou. Analisar como evolui o processo a partir de suas características.

A **primeira**, "... uma nova estrutura industrial já não mais integrada horizontalmente e verticalmente...".  
**Segundo**, "... na organização de um novo setor industrial voltado para a constituição de ilhas de produção e montagem de mercadorias, em empresas estrangeiras ou associadas, de média tecnologia, principalmente para exportação."  
**Terceiro**, "... na constituição de um setor agroindustrial voltado à exportação. Na exportação de commodities minerais. Assim, o pólo dinâmico da economia se transfere para setores voltados à exportação."  
**Quarto**, "... na montagem de um sistema com o objetivo de remunerar o capital financeiro,...". (Boletim do CeCAC, ano XII, nº1)

É de fundamental importância, ao colocar em prática nossa crítica a partir da análise da formulação de economistas burgueses, dos economistas do BNDES, IEDI (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), particularmente, ter em conta que o ponto de vista de classe onde estão situados – o ponto de vista das diversas frações da classe dominante – os leva a ver ou a não ver, em suas análises, fenômenos ou a enfocá-los de seu ponto de vista e, assim, a identificá-los sob a forma determinada pelos interesses da classe que representam. Um bom exemplo disto está no documento do BNDES, "Visão do Desenvolvimento nº. 26".

Esta modalidade de cegueira ideológica se expressa por todos os documentos que analisamos. Nestes textos, partindo do ponto de vista de classe, os economistas das distintas frações da classe dominante brasileira, não podem ver que a mudança estrutural importante não é o crescimento ou queda de um índice ou de outro, porém a reconfiguração da economia brasileira condicionada pelos processos de reorganização da economia mundial. Aqui, o crescimento ou queda de um índice é resultado do processo de regressão sob a determinação da economia mundial, do imperialismo.

Partindo da análise dos textos do IEDI e de órgãos governamentais como o BNDES, podemos comprovar que, não só se aprofunda o processo de regressão, como também que as diversas frações da classe dominante passaram a alocar seus capitais em torno do novo "sentido da colonização", a regressão, atendendo às determinações do sistema em busca da taxa de lucro.

O IEDI publicou em 23/03/07, portanto um ano e quatro meses depois de ter lançada a questão "Ocorreu uma Desindustrialização no Brasil?" [4], a Carta nº. 252

"Desindustrialização e Dilemas do Crescimento Econômico Recente" que inicia afirmando: "Podemos dizer que a desindustrialização está aumentando...", para concluir, "Em síntese, mesmo dotado de um parque industrial amplo e diversificado, verifica-se nos últimos anos um processo de desindustrialização no país,...".

O trabalho do IEDI começa por apontar para o baixo ritmo de crescimento da economia brasileira, partindo do pressuposto correto de que numa economia capitalista é o crescimento da indústria que puxa o crescimento de toda a economia:

*"O baixo dinamismo da economia brasileira, expresso em baixas taxas de crescimento do PIB, se constitui em um dos principais problemas macroeconômicos da atualidade. O crescimento da indústria de transformação, setor que por suas características de encadeamento de demandas ao longo das cadeias produtivas dentro e fora da indústria exerce um importante efeito de liderar a taxa de crescimento agregada, também tem crescido pouco."* ("Carta IEDI nº. 252", p.2)

O problema não é que o PIB tenha crescido pouco, o problema é de que cresceu pouco por ter sido "puxado" para baixo pela "indústria de transformação", como aponta a nova carta onde o IEDI dá os índices do aprofundamento da "desindustrialização", a partir deles podemos mostrar como se desenvolveram as características do processo de regressão que relacionamos acima:

A primeira, de que a estrutura industrial constituída anteriormente vem sendo substituída por "... uma nova estrutura industrial já não mais integrada horizontalmente e verticalmente...".

*"Se um parque industrial está perdendo importância, seja em termos quantitativos ou qualitativos, esse processo pode se dar de duas formas, não excludentes. Na primeira, determinados setores industriais vão perdendo peso, em termos absolutos e/ou em relação ao total da indústria, não sendo isso compensado pelo ganho de importância de outros segmentos industriais. Esse processo é de maior gravidade, se os setores que encolhem são intensivos em tecnologia (setores de ponta)." ("Carta IEDI nº. 252", p. 9)*

É isto o que vai caracterizar a "desindustrialização", "determinados setores industriais vão perdendo peso, em termos absolutos e/ou em relação ao total da indústria, não sendo isso compensado pelo ganho de importância de outros segmentos industriais." Não só a indústria vai perdendo "determinados setores" como também vai perdendo setores "intensivos em tecnologia".

*"Uma atualização do estudo anterior aponta para um aprofundamento do processo de desindustrialização nos últimos dois anos. A menor taxa de crescimento da indústria de transformação relativamente aos demais setores da economia é um indicativo de que o processo de desindustrialização está progredindo. Mais ainda, observando os componentes da demanda agregada que mais cresceram no período, o expressivo crescimento das importações (9,3% em 2005 e 18,1% em 2006), com baixo incremento da produção da indústria de transformação (1,1% em 2005 e 1,9% em 2006), sugere que pode estar ocorrendo um forte processo de substituição de produção doméstica por importações" ("Carta IEDI nº. 252", p. 3).*

O que vai mostrar o estudo é que setores ou elos da cadeia produtiva são desativados e substituídos pela importação de peças e componentes, por outro lado, nos setores em

que se mantiveram com suas cadeias de produção completa não se deu a atualização dos processos produtivos. Mesmo quando se diz que estes setores não recuaram tecnologicamente, mas estagnaram, se está afirmando que estão empregando tecnologias já superadas ou em vias de superação na economia mundial (os trustes e cartéis transferem tecnologia "velha" retirando novos lucros delas) visto que esta vem vivendo um processo intensivo de incorporação de novas tecnologias, com o objetivo de aumentar a taxa de lucro, intensificando a exploração das classes dominadas.

*"Uma conclusão geral sobre as mudanças na estrutura produtiva: a abertura econômica, se não provocou uma regressão tecnológica, também não promoveu um "upgrade" em termos de processos produtivos mais sofisticados." ("Carta IEDI n.º. 252", p.2).*

**Segundo**, "... na organização de um novo setor industrial voltado para a constituição de ilhas de produção e montagem de mercadorias, em empresas estrangeiras ou associadas, de média tecnologia, principalmente para exportação." (Boletim do CeCAC, ano XII, n.º1)

O estudo do IEDI mostra que outra forma do que vai chamar de "desindustrialização", a reconfiguração da indústria no Brasil, se dá com o processo que denomina de "terceirização" da produção de peças e componentes e matérias-primas. Mostra que esse processo de "terceirização" expressando o que identifica como "desindustrialização", a reconfiguração da indústria brasileira, se dá quando a produção industrial de matérias-primas, peças e componentes é transferida para outras empresas e, no caso do Brasil, para o exterior, resultando na situação, por exemplo, da zona franca de Manaus, onde "... a indústria apenas 'encaixa' peças e componentes que foram produzidas no exterior."

*"A desindustrialização pode ocorrer também quando a forma como se produz sofre grandes alterações por meio da terceirização da força de trabalho e da produção de matérias - primas. Com a terceirização da mão-de-obra parte da produção da indústria é transferida para o setor serviços. Um exemplo são os serviços de manutenção de máquinas e equipamentos industriais que, até o final dos anos 1980 estavam, em grande medida, a cargo das próprias empresas industriais. No início dos anos 1990 essa produção passou para empresas do setor terciário. A terceirização da produção de matérias primas, peças e componentes é fruto da adoção da prática de linhas de produção mais especializadas no produto final. Nesse caso a produção industrial é transferida para outras empresas industriais no Brasil ou no exterior." ("Carta IEDI n.º. 252", p. 9).*

A **terceira** característica, a "... constituição de um setor agroindustrial voltado à exportação. Na exportação de commodities minerais. Assim, o pólo dinâmico da economia se transfere para setores voltados à exportação.", (Boletim do CeCAC, ano XII, n.º1) vem se acelerando rapidamente sob a determinação da economia mundial:

*"Para investigarmos se está ocorrendo uma tendência recente à desindustrialização duas linhas de argumentação serão apresentadas. De um lado, a persistência da política econômica que combina elevadas taxas de juros e cambio apreciado tem desestimulado (sic) o crescimento da economia e da indústria em particular. Por outro lado, as mudanças na estrutura produtiva provocadas em grande parte pela abertura econômica, levaram a uma concentração maior da produção em setores com vantagens competitivas na exploração de recursos*

*naturais em detrimento de setores mais tradicionais e mais empregadores de mão de obra e de setores de alta tecnologia, com vantagens competitivas dinâmicas no comércio internacional. Essa tendência à especialização em recursos naturais torna as exportações industriais do país mais vulneráveis às flutuações de preços no mercado internacional, com conseqüências negativas para a balança comercial a longo prazo." ("Carta IEDI n.º. 252", p. 4).*

Como mostra o documento do IEDI, a reconfiguração da economia brasileira para acompanhar o processo de reorganização da economia mundial, o que no texto está "traduzido" de forma a encobrir os determinantes externos, como "as mudanças na estrutura produtiva provocadas em grande parte pela abertura econômica", "levaram", como o texto do IEDI conceitua o processo, ou de melhor forma, determinaram (determinaram no sentido das delimitações impostas pelas leis que regem a reprodução do capital) "... a uma concentração maior da produção em setores com vantagens competitivas na exploração de recursos naturais," e "... em detrimento de setores mais tradicionais e mais empregadores de mão de obra e de setores de alta tecnologia.". Como diz o documento, uma "tendência à especialização em recursos naturais".

Os documentos do BNDES "Visão do Desenvolvimento", confirmam as análises que vimos fazendo de que a formação econômico-social brasileira vive um processo de reconfiguração em razão das mudanças por que passa a economia mundial.

O Visão de n.º. 21, "Investimentos vão crescer entre 2007 e 2010", se inicia estabelecendo uma relação entre o crescimento da economia brasileira e da economia mundial:

*"Há fatores determinantes comuns na desaceleração da economia internacional e do Brasil a partir dos anos 1980. O principal deles foi a mudança que ocorreu na economia americana." ("Visão" n.º. 21, p. 2).*

Mais adiante, o texto do BNDES aponta, de forma atravessada, a "mudança estrutural importante" ocorrida na economia brasileira que, de acordo com o texto, se dá a partir de 2002.

*"A partir de 2002, a economia voltou a se expandir a taxas um pouco mais elevada de 2,8% ao ano. Esse crescimento veio, no entanto, associado a uma mudança estrutural importante. Em contraste com o observado nas últimas décadas verificou-se a acumulação de elevados saldos em transações correntes da ordem de 1,5 % do PIB ao ano." ("Visão" n.º. 21, p. 3).*

Ora, a "mudança estrutural importante" não está na "acumulação de elevados saldos" e sim nas transformações que já vêm ocorrendo na economia brasileira bem antes de 2002. Mudança estrutural esta que leva ao resultado dos saldos em transações correntes e que só pode ser estudada no contexto do rearranjo da "economia internacional".

Esta modalidade de cegueira ideológica se expressa por todo o documento, como por exemplo, quando diz que se reduziu a "vulnerabilidade externa". Ora, a inserção do Brasil como fornecedor de commodities, da agroindústria, da agropecuária, minerais e até industriais, a reconfiguração da economia mundial, aumentou a vulnerabilidade do Brasil às crises ou processos de crescimento ou estancamento da economia mundial. Podemos dizer que hoje a economia do Brasil é muito mais vulnerável às oscilações da economia mundial do que quando alimentávamos uma dívida impagável (que gerou a moratória de 1987). Vulnerável no sentido de que aumentou, intensificou, a dominação imperialista, aprofundou a condição do Brasil de país

dominado no sistema imperialista. E de uma forma específica que estamos conceituando de **regressão a uma situação colonial de novo tipo**.

É importante analisar os setores da economia que vão crescendo e onde se dão maiores investimentos para que possamos perceber o sentido para onde se move a formação econômica social brasileira nesta nova etapa do processo de dominação imperialista. O documento que estamos citando percebe, evidentemente, do seu ponto de vista, que a economia no Brasil se move em outro sentido.

*"Pesquisa realizada pelo BNDES, em 2006, aponta que os investimentos em curso, em análise ou em perspectiva na indústria, na infra-estrutura e na construção residencial, já estão se movendo em direção a uma trajetória de aceleração ao longo dos próximos quatro anos." ("Visão", n.º. 19, p. 4).*

Ao não ser capaz de perceber que "os investimentos em curso", dirigem-se para setores específicos da economia, os economistas do BNDES só são capazes de identificar "uma trajetória de aceleração" e, mesmo quando especificam os investimentos por setor, não são capazes de analisar o sentido em que se move a economia, apesar de que o documento classifica a maior parte dos investimentos como "autônomos" com relação à economia brasileira.

*"A taxa de investimento está hoje em seus recordes históricos nas áreas de petróleo e gás e de extrativa mineral. Ambos os setores estão respondendo ao aumento da demanda e dos preços internacionais. Na siderurgia e em papel e celulose vislumbra-se um movimento importante de deslocamento para o Brasil de capacidade produtiva, hoje instalada em países desenvolvidos, atraído pela forte competitividade brasileira nestes setores." ("Visão", n.º. 19, p. 5).*

Do ponto de vista dos interesses da classe operária, o que a análise do BNDES exposta na citação acima mostra é que, nos setores da "indústria extrativa mineral" e de "petróleo e gás", as taxas de investimentos atingem hoje recordes históricos, inclusive investimentos de capital externo com o objetivo explícito de atender ao aumento da demanda da economia mundial imposto pela transferência

da indústria dos países imperialistas para a China. Reconfiguração da economia mundial que resulta para o Brasil num processo de "regressão", mais desemprego e exploração para os dominados.

Da mesma forma se dá com a transferência para cá dos setores da indústria, dos países imperialistas, siderúrgica e de papel e celulose. A razão exposta pelo BNDES para esse movimento, a "forte competitividade brasileira nesses setores", pode ser traduzida, principalmente, pelo preço muito mais baixo da força de trabalho, e também pela proximidade das fontes de matérias-primas, além de outras vantagens, como bases produtivas já instaladas.

Na conclusão do seu texto, o BNDES destaca, "grosso modo", quatro grandes setores nos quais identifica esta aceleração de investimentos, sendo o primeiro próximo a R\$ 300 bilhões, o de petróleo e gás, extrativa mineral, insumos básicos (siderurgia e celulose). No quadro que reproduzimos abaixo o BNDES identifica que esse setor é comandado pela dinâmica dos "mercados externos".

Debaixo de noções como as de "maior integração da economia brasileira com a internacional", "integração internacional dessas empresas e setores", o texto esconde que o processo expressa a maior integração do Brasil no lugar que lhe é determinado pelo imperialismo.

*"Existe um grupo de setores que se beneficiou mais diretamente da maior integração da economia brasileira com a internacional. Esse benefício decorreu não só do crescimento acelerado desses mercados nos últimos anos, mas também de processos em curso de deslocamento para o Brasil de segmentos das cadeias industriais na siderurgia e na celulose hoje instalados em países do Hemisfério Norte. Nesse momento, o que se observa é que há vários blocos de investimentos em processos de efetivação que devem ampliar, ainda mais no futuro, a integração internacional dessas empresas e setores." ("Visão", n.º. 19, p. 6).*

São setores e empresas que se constituem ou se desenvolvem em função da requisição da nova fase da economia mundial, o que implica e implicou contradições no interior da classe dominante, determinando as políticas

#### QUADRO RESUMO

Características	Setores	Perspectivas	Investimentos Previstos 2007-2010
Comandados pela dinâmica dos mercados externos	Petróleo e gás, extrativa mineral, insumos básicos (siderurgia e celulose)	Investimento em forte expansão, intensivos em capital, projetos de longo prazo de maturação	R\$293 bilhões
Elevada elasticidade da demanda a juros	Construção residencial e bens de consumo duráveis	Demanda crescente, em função do aumento da renda e do crédito	R\$470 bilhões em Construção residencial (1) e R\$44 bilhões em Automobilística e Eletrônica
Dependentes de orçamento fiscal	Habitação popular, infra-estrutura urbana, saneamento, portos e ferrovias (investimentos permanentes)	Restrições orçamentárias podem atrasar parte dos investimentos identificados	R\$62 bilhões em Saneamento, portos e ferrovias
Infra-estrutura empresarial	Energia elétrica, telecomunicações, portos e ferrovias,	Relevantes para a competitividade sistêmica, mas sujeitos a incertezas	R\$147 bilhões de investimentos em Energia

(1) inclui habitação popular

econômicas aplicadas pelo governo bem como as condições na qual a classe operária trava a luta de classes, inclusive do ponto de vista subjetivo.

É importante notar aqui que se trata do deslocamento para o Brasil de "segmentos das cadeias industriais" configurando a constituição de "uma nova estrutura industrial já não mais integrada horizontalmente e verticalmente...". De segmentos transferidos para cá em virtude da "forte competitividade" oferecida pela economia brasileira, fundamentalmente, pelo aumento da exploração da classe operária que, sob o comando do PT na luta de classes, vê cair seus salários e aumentar o exército de reserva.

O **segundo** movimento - o de fornecimento de insumos para a reconfiguração da economia mundial: minerais e matérias primas, etc. - vai conformar outra característica do movimento que conceituamos como o de **regressão colonial de novo tipo**.

*"Nesse sentido, o Brasil aprofunda a característica de país exportador de mercadorias intensivas em força de trabalho e derivadas da exploração de seus recursos naturais, baseando-se, para competir no mercado mundial, em sua disponibilidade de força de trabalho barata e de pouca qualidade. A especialização na produção e exportação de commodities é outra das características da regressão colonial." (Boletim do CeCAC, ano XII, nº 1)*

Nos demais setores arrolados, principalmente os casos da habitação popular e infra-estrutura urbana, onde a análise do BNDES aponta grandes investimentos, a perspectiva não se sustenta. Primeiro, porque não há um crescimento significativo da massa de rendimentos, depois porque as metas de superávit primário não permitem investimentos para atender as necessidades da população de mais baixo nível de renda.

De outra forma se dá com a indústria automobilística e eletrônica, que tem sua produção voltada para a exportação ou para os setores de camada média de melhor nível de renda, beneficiada pelo crédito, pela redução dos juros e o aumento dos prazos.

De forma diferente se dá nos casos de energia elétrica, telecomunicações, portos, estradas e ferrovias, naquilo que o documento classifica como "infra-estrutura empresarial", investimentos voltados para atender os interesses do grande capital no processo de reconfiguração.

É ilustrativo voltar para o "Visão do Desenvolvimento" de nº.19, no qual o BNDES levanta as perspectivas de investimentos na indústria, para que se perceba o sentido para onde caminha a formação econômico-social brasileira.

Primeiro o documento assinala a grandeza dos valores a serem investidos. Grandeza que não se pode comparar com a dos investimentos nos demais setores; segundo, o fato de que esses grandes investimentos na indústria estão voltados para configurar o setor industrial "autônomo, em relação ao mercado interno." e voltado a atender a economia mundial.

*"Os resultados da pesquisa são, de certa forma, surpreendentes, tanto pela magnitude dos valores de investimento levantados, quanto pelo fato de serem em sua maior parte autônomos ao mercado interno."*

*"A maior parte desses investimentos é de caráter autônomo, em relação ao mercado interno. Responde a movimentos de expansão e deslocamento da economia internacional. Reflete, por sua vez, a competitividade do Brasil e a capacidade de resposta de suas empresas ao cenário externo favorável,..." ("Visão", nº. 19, p. 7)*

Portanto, como reconhece o BNDES, não só estão previstos grandes somas de investimentos na economia brasileira para os próximos quatro anos, somas bem maiores do que as que vêm sendo investidas nos últimos anos, como também, estes investimentos vão no sentido de reconfigurar a formação econômica brasileira respondendo "a movimentos de expansão e deslocamento da economia internacional.". Expansão e deslocamento na economia mundial em busca de maior taxa de lucro, em busca de superar sua crise.

Este montante de investimentos projetados tanto pelo Estado como pelo capital interno, como pelo capital de cartéis e trustes transnacionais, expressa um movimento no sentido de dar nova conformação à infra-estrutura econômica. Movimento que, se momentos atrás, provocou alguma fricção entre as diversas frações da classe dominante, frações já envolvidas no processo de reconfiguração e frações da burguesia brasileira voltadas para o mercado interno, hoje se faz sob o aplauso de todos.

Não podemos desconhecer a competência do BNDES para levantar os dados sobre os investimentos programados para a indústria para o período 2007-2010, e a amplitude do levantamento de que é capaz.

*"O BNDES é o maior banco de desenvolvimento brasileiro. Esse papel lhe permite reunir um conjunto amplo de informações sobre os horizontes de investimento dos principais setores da economia." ("Visão", nº. 19, p. 1).*

É exatamente a competência que lhe possibilita seu "papel" e o amplo conjunto de informações que reuniu "sobre os horizontes de investimento dos principais setores da economia", que nos permite constatar que tal "magnitude" de "valores" de investimentos reconfigurando a forma de inserção da formação brasileira no sistema imperialista não poderia se dar sem a participação do principal da classe dominante brasileira.

De outra forma, a tese que estamos avançando é a de que, após um período de fricção entre setores da burguesia brasileira que acumulam internamente, principalmente da burguesia industrial, e setores da burguesia que haviam assumido o papel indutor no processo de reconfiguração da formação brasileira o principal dos diversos setores das classes dominantes integrou-se ao processo.

A outra expressão da unificação dos diversos setores da classe dominante em torno do processo de reconfiguração se dá pela unificação em torno do governo Lula, de todos os partidos, maiores ou menores, que expressam interesses menores ou maiores das classes dominantes.

Hoje o governo Lula reúne um arco que vai de Collor, Maluf, ACM, Jader Barbalho, et cetera até o PL, PP, PTB de Roberto Jefferson, o PV, PDT, PSB, PC do B e PT, e ainda mais, de Caiado da União Ruralista ao MST, dos banqueiros à CUT.

Poucas vezes se viu tal habilidade das classes dominantes em colocar lugar-tenentes operários a serviço de seus interesses.

\* \* \*

#### Notas:

[1] Revista Forbes Brasil, Ano 7 – nº 153, 4 de abril/2007, pág. 46.

[2] Boletim do CeCAC, ano XII, nº. 1, 2006.

[3] Por que os investimentos na indústria vão crescer. Visão do Desenvolvimento nº. 19. BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

[4] Carta 183, 25/11/2005. IEDI ([www.iedi.org.br](http://www.iedi.org.br))

## Lula: usineiros de bandidos a heróis

*"Os usineiros de cana, que há dez anos eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio neste país, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool. E por quê? Porque têm políticas sérias. E têm políticas sérias porque quando a gente quer ganhar o mercado externo, nós temos que ser mais sérios, **porque nós temos que garantir para eles (sic) o atendimento ao suprimento**". [grifo nosso]*

Lula, discurso em Mineiros (GO), 20.03.07

**"O suor, o sangue e a morte banham o açúcar e o álcool brasileiro"**

Maria Cristina Gonzaga

Graças ao nosso operário-presidente, os trabalhadores da cana, os operários e os trabalhadores no Brasil podem comemorar o 1º de maio sabendo que os usineiros, que cultivam a posição de bandidos desde que o Brasil é Brasil, agora são heróis. Nunca dantes na história deste país, um presidente teve coragem de fazer tal afirmação sobre um dos setores mais retrógrados das classes dominantes brasileiras. E o mais importante, estão *virando heróis* porque garantem *para eles* (Bush e a classe dominante dos países imperialistas) o suprimento de álcool que necessitam para continuar explorando trabalhadores e operários no mundo todo.

Em primeiro lugar, podemos perguntar, parafraseando Brecht (em **Perguntas de um operário que lê**), quem garante o álcool, o corte da cana que vai se transformar em álcool? São os usineiros que as plantam e colhem?

Podemos nos perguntar, em seguida: qual o preço a ser pago pelos trabalhadores para *"garantir para eles* (para Bush e os interesses imperialistas) *o atendimento ao suprimento"* de etanol ou de outras commodities? Interessa à classe operária e aos trabalhadores *"ganhar o mercado externo"*? *"Ganhar o mercado externo"* não é garantir ao imperialismo e à classe dominante brasileira a ele associada a continuidade dos altos lucros, obtidos a partir da exploração da classe operária e do povo? **[1]**

Recentemente, várias matérias publicadas na imprensa, têm levantado a incômoda questão de que a expansão do agronegócio da cana, na verdade, mascara outra expansão, de uma realidade cruel. É que essa expansão do agronegócio da cana só pode se dar ao custo de uma expansão, uma intensificação da exploração (uma superexploração) e do agravamento das condições de vida e de trabalho de centenas de milhares de cortadores de cana – 'bóias-frias' – nos infundáveis canaviais espalhados pelo Brasil, mas principalmente no estado de São Paulo, onde está concentrada a produção sucroalcooleira, e onde a tecnologia – em particular o corte mecanizado da cana – é também mais presente.

Migrantes, vindos do norte e nordeste, em particular dos estados do Piauí e do Maranhão, são aliciados pelos 'gatos' e por vezes pagam até pelas suas vestes, e são obrigados a trabalhar em regime de semi-escravidão numa extenuante jornada de mais de 10 horas, num ritmo assustador, que garante aos proprietários das usinas baterem recordes de toneladas de cana cortada ao dia. **Atualmente, um cortador de cana é considerado eficiente se retira, em média, 12 mil quilos por dia – recebendo cerca de R\$ 2,50 por tonelada.**

A União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (UNICA) estima que 260 mil trabalhadores vão cortar cana este ano. A previsão é que esse contingente corte 70% dos 420 milhões de toneladas da produção prevista para o centro-sul.

### **"Do cortador de cana é esperada a produção de uma máquina"**

O aumento da produtividade dos cortadores de cana é brutal – **na década de 1960, era de 3 toneladas, na década de 1980 passou a 6 toneladas, até atingir as atuais 12 toneladas diárias. Hoje exige-se a produção de no mínimo dez toneladas diárias por homem. Não tem corpo que agüente**", diz Miguel Ferreira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cana de Jaboticabal, interior paulista, em reportagem da revista IstoÉ de 28.03.07 ("A morte por trás do etanol").

Apesar do aumento da produtividade, **os salários hoje são menores**. Na década de 1980, o piso salarial dos cortadores de cana em São Paulo era equivalente a 2,5 salários mínimos. Hoje é de R\$ 410 (pouco mais de um salário mínimo).

### **Remuneração por produção e excesso de trabalho: "Chicote invisível"**

O salário base dos cortadores de cana em São Paulo, R\$410, não é suficiente para cobrir sequer as despesas com o transporte, com o alojamento e com a alimentação dos trabalhadores, no mais das vezes a preços escorchantes e de péssima qualidade. Isso obriga os trabalhadores a aumentarem cada vez mais a produção, pois *"(...) O trabalhador só ganha um valor suficiente, cerca de R\$ 900 a R\$ 1,2 mil, se cortar mais cana. Como a remuneração básica de R\$ 400 não consegue atender às necessidades, cortar volumes de 10 a 20 toneladas de cana por dia é o único jeito de o trabalhador alcançar uma remuneração melhor"*, afirma Mário Antônio Gomes, promotor público do trabalho.

De acordo com levantamento feito pelo DIEESE (*Estudos e Pesquisas: "Desempenho do setor sucroalcooleiro brasileiro e os trabalhadores"*, Ano 3 - nº 30 - Fevereiro de 2007), **"Em parte considerável das usinas paulistas, os trabalhadores que, no primeiro mês de contrato, não conseguem cortar dez toneladas diárias são demitidos e substituídos por outros que conseguem atingir tal média. Os trabalhadores são contratados, em geral, através do contrato de safra. De uma safra para outra, só são recontratados os que demonstraram ter alcançado tal média na safra anterior. Trabalhadores com alto índice de faltas também são preteridos."** **[2]**

Remetendo aos tempos da escravidão no Brasil, são os jovens, mais fortes e bem nutridos os escolhidos para o duro trabalho. Segundo o presidente do Sindicato dos Empregados Rurais de Guariba, na região de Ribeirão Preto, as pessoas já com 30 anos têm dificuldade para conseguir emprego. A intensidade do trabalho é tal que a vida produtiva do trabalhador se esgota entre a quinta e a sétima safra, ou seja, **entre cinco e sete anos no corte da cana.**

Para se ter uma idéia desta realidade, dados da Pastoral do Migrante reproduzidos no artigo "A morte ronda os canaviais paulistas" (Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária - ABRA, Ano 33 - Nº 2 - Janeiro a Dezembro - 2006, [http://www.reformaagraria.org/revista\\_abra/](http://www.reformaagraria.org/revista_abra/)), de Maria Aparecida de Moraes Silva, mostram que dos migrantes que saem do Maranhão para trabalhar no corte da cana em São Paulo, 93% são homens, dos quais 65,3% têm idades entre 18 e 35 anos, "idade em que o trabalhador possui maior força física para trabalhos pesados." Esses homens são na maioria chefes de família (53,5%), ou sobrevivem de rendimentos da aposentadoria rural (20%).

### **"O suor, o sangue e a morte banham o açúcar e o álcool brasileiro"**

Segundo Maria Cristina Gonzaga, técnica da Fundacentro, órgão do Ministério do Trabalho, em declaração à revista IstoÉ Online de 28.03.07, e com base em estudo realizado pelo Ministério do Trabalho, **450 trabalhadores do setor sucroalcooleiro morreram em 2006 nas usinas.** A causa mortis? Acidentes de trabalho, principalmente durante o transporte, assassinatos e... excesso de trabalho. Isso para não citar os trabalhadores que foram carbonizados durante as queimadas. Ainda segundo a pesquisadora, "**nos últimos cinco anos, o trabalho na lavoura de cana ceifou a vida de 1.383 trabalhadores**".

Os números da barbárie impressionam. Os casos de morte por excesso de trabalho, que os trabalhadores apelidaram de 'birola' [3], já somam 18 desde que a Pastoral do Migrante iniciou os registros, em 2004. No entanto, como vem ocorrendo em outros setores, a subnotificação dos acidentes de trabalho é grande ("Acidentes e mortes por acidentes de trabalho no Brasil têm índices maiores que os das últimas guerras no mundo", 27/junho/2006, [www.cecac.org.br/MATERIAS/Acidentes\\_trabalho\\_06.htm](http://www.cecac.org.br/MATERIAS/Acidentes_trabalho_06.htm)): "Ele [o trabalhador] se apresenta ao SUS [Sistema Único de Saúde] passando mal, mas não como acidente de trabalho. Esses dias que ele vai ficar em casa para se recuperar são pagos pelo SUS e não pelo empregador. O sistema foi montado para que haja subnotificação mesmo. É por isso que o setor patronal quando fala das mortes por excesso de trabalho negam. Negam porque não querem assumir uma responsabilidade". (Francisco Alves, professor do DEP-UFSCar, "Por que morrem os cortadores de cana?", Revista Saúde e Sociedade v.15, n.3, p.90-98, set-dez 2006).

### **Semi-escravidão**

Dados do projeto "Relatores Nacionais em Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais" (DHESC), reproduzidos no artigo "A morte ronda os canaviais paulistas", de Maria Aparecida de Moraes Silva, professora da UNESP, ilustram bem as condições de vida e de trabalho a que são submetidos os cortadores de cana:

"(...) As condições do alojamento se aproximam a de uma prisão. Em cada quarto existem 3 ou 4 camas. Os cômodos não têm janelas e as portas se abrem todas para um corredor interno. A área onde é feita a lavagem dos utensílios de trabalho é a mesma onde se lavam as marmitas e onde se obtém água para consumo individual. A presença de funcionários da empresa, durante todo o tempo em que estivemos no alojamento foi intensa, tentando impedir o acesso livre aos trabalhadores. (...)"

Além da péssima qualidade desses 'alojamentos', é importante também conhecer as 'relações de inquilinato' que se estabelecem:

"(...) Geralmente ficam hospedados em alojamentos

*mantidos pelas usinas, ou em casas alugadas por eles próprios ou pelo empreiteiro ou pelo gato. O aluguel pago por esses trabalhadores fica em torno de R\$50,00 e R\$100,00 pago por pessoa, por casas na maior parte das vezes, localizadas em favelas ou cortiços da região, as quais têm entre dois e quatro cômodos, e chega a ser dividida por um número de quatro a nove pessoas. (...)"*

### **Expansão do agronegócio para exportação e regressão**

Em nossos materiais e nas discussões que promovemos no CeCAC, vimos afirmando – e a realidade confirmando (veja neste boletim o texto "Aprofunda-se o processo de regressão") – que a formação econômico-social brasileira passa por um processo de regressão – fruto da acomodação do Brasil, enquanto país dominado, ao processo de reconfiguração da economia mundial, isto é, do sistema imperialista, o que convencionamos chamar de regressão a uma situação colonial de novo tipo ("Formação econômico-social brasileira: regressão a uma situação colonial de novo tipo", 17/fevereiro/2006, <http://www.cecac.org.br/>).

Nesse sentido, a expansão da produção de commodities para exportação, a exportação da agroindústria – como a soja, a cana – e também as commodities minerais, situa-se no centro desse processo. Além de determinar o deslocamento do setor dinâmico da economia brasileira do setor industrial voltado para o mercado interno para a produção de commodities para exportação, esse processo também é responsável por alterações nas condições de vida e trabalho das classes dominadas, como por exemplo, o aumento do desemprego e do número de trabalhadores que são obrigados a se sujeitarem às condições de superexploração e semi-escravidão do corte da cana, com uma tendência a aumentar a resistência dos trabalhadores, intensificando a luta de classes.

No que diz respeito ao exército de cortadores de cana, "Nos anos de 1960, 1970 e 1980, a maioria dos migrantes era constituída de mineiros do Vale do Jequitinhonha, baianos, paranaenses e outros estados do Nordeste. A partir da segunda metade da década de 1990, milhares de piauienses e maranhenses aportam aos canaviais paulistas. Muitos mineiros estão migrando para as usinas de Mato Grosso e Rio de Janeiro. O fato novo em São Paulo é a presença dos piauienses e maranhenses, desalojados de suas terras em função do avanço da sojicultura e da pecuária no cerrado de seus estados." (Maria Aparecida de Moraes Silva, professora da UNESP).

A não 'compreensão' do processo de regressão, e do correspondente papel de destaque que o agronegócio para exportação nele ocupa, pode levar à defesa aberta do agronegócio da cana e, conseqüentemente, justificar – e "adoçar" – a superexploração dos trabalhadores:

"Mas o que leva o canavieiro a morrer de trabalhar? Será alguma propriedade maléfica do açúcar? Não. Desde a aurora da sua formação, o Brasil tem sido o grande adoçador do mundo (só suplantado, temporariamente, pelo Haiti no século 18 e por Cuba nos anos 60 e 70 do século 20). E este papel só pode orgulhar os brasileiros, a começar pelos trabalhadores da cana, embora em nada diminua a baixa de quem os mata de trabalhar." ("MST não tem razão quando ataca o etanol", Bernardo Jofilly, do PCdoB, 2 de março de 2007, <http://www.vermelho.org.br/>).

### **A resistência dos trabalhadores**

Em maio de 1984, os bóias-frias realizaram uma greve histórica em Guariba (SP), reivindicando melhores salários

e condições de trabalho. A questão colocada no centro do movimento grevista era a tentativa de implantação pelos usineiros do chamado 'sistema de sete ruas'. Até hoje, mesmo com o brutal incremento na produtividade, cada trabalhador fica responsável por cinco ruas no eito da cana. Em 1984, os usineiros tentaram impor o aumento da área cortada por trabalhador, de cinco para sete ruas, o que, aliado ao aumento do preço dos gêneros de primeira necessidade e das tarifas públicas de água, revoltou os cortadores de cana. Após paralisarem as cidades de Guariba e Bebedouro (SP), e de enfrentamentos com soldados da tropa de choque, prontamente acionada pelo então governador de São Paulo, Franco Montoro, os trabalhadores incendiaram canaviais para serem atendidos. A greve durou 12 dias, e apesar da brutal repressão policial, os cortadores de cana conseguiram uma vitória na negociação com os usineiros, que mantiveram o sistema das cinco ruas e cederam em algumas reivindicações dos trabalhadores. Em 1986 houve movimentos grevistas em Leme e Araras (SP), também motivados por melhores condições de vida e trabalho, que se alastraram para outras regiões canavieiras do país.

Considerando o sistema de cinco ruas, de acordo com Francisco Alves, *"Para cortar seis toneladas de cana em um dia, considerando uma cana de primeiro corte, de crescimento ereto, o comprimento do eito deve ser de aproximadamente 200 metros. Isso significa que a área total desse eito é de 1200m<sup>2</sup> (200 m de comprimento por 6 m de largura); nele o trabalhador realiza as seguintes atividades:*

- corta a cana rente ao solo, despreendendo as varas das raízes.
- corta a ponteira da cana, que é a parte de cima, onde estão as folhas verdes, que não têm sacarose e, portanto, não servem para as usinas.
- transporta a cana cortada em cada rua para a rua central.
- arruma a cana em montes ou esteirada na rua central."

Basta multiplicar por dois todas essas atividades para perceber a intensidade do trabalho a que são submetidos atualmente os cortadores de cana. Então, como afirma Alves, "(...) fica fácil entender por que morrem os trabalhadores rurais cortadores de cana em São Paulo: por causa do excesso de trabalho." Tudo para "garantir para eles (para Bush e os interesses imperialistas) o atendimento ao suprimento" de etanol.

Como mostra o exemplo da luta e da vitória dos cortadores de cana de Guariba, registrada no documentário "**Califórnia à brasileira**", só na luta a classe operária e as classes dominadas brasileiras vão conseguir, de vez, liquidar com o regime de exploração do sistema capitalista e construir uma nova sociedade sem classes e sem exploração.

Repetindo Marx, "**proletários de todos os países, unidos!**"

\* \* \*

#### Notas:

[1] "(...) o desempenho recorde da balança comercial em 2006 deveu-se, sobretudo, à elevação de 66% nas vendas do complexo sucroalcooleiro, responsável por 53% do incremento no valor das exportações do agronegócio. Os embarques somaram US\$7,8 bilhões. (...) Com preços 60% maiores, o valor exportado de álcool mais que dobrou em 2006, chegando a US\$ 1,6 bilhão." Ainda segundo a matéria, "as exportações do agronegócio devem bater um novo

recorde em 2007, com um crescimento estimado entre 10% e 15%." Valor Econômico, 08.01.07 (pg. B10)

[2] – Em O Capital, Marx dissecou as peculiaridades do salário por peça, chamado na Inglaterra do século XIX sugestivamente de sweating-system [sistema de suador]: "(...) A qualidade do trabalho é aqui controlada mediante o próprio produto, que tem de possuir qualidade média se o preço por peça deve ser pago integralmente. Desse modo, o salário por peça se torna fonte mais fecunda de descontos salariais e de fraudes capitalistas. Ele proporciona ao capitalista uma medida inteiramente determinada para a intensidade do trabalho. Só o tempo de trabalho que se corporifica num quantum de mercadorias previamente determinado e fixado [por exemplo, 12 mil quilos de cana cortada] pela experiência vale como tempo de trabalho socialmente necessário e é pago como tal". E "Se o trabalhador não possui a capacidade média de produção, não pode fornecer determinado mínimo de trabalho diário, então se o despede." Não menos importante para o caso dos cortadores de cana, "Como qualidade e intensidade do trabalho são controladas aqui pela própria forma do salário, esta torna grande parte da supervisão do trabalho supérflua." E "O salário por peça facilita, por um lado, a interposição de parasitas entre o capitalista e o trabalhador assalariado, o subarrendamento do trabalho." [gatos, empreiteiros, donos de pensão/cortiços, merceeiros, prostíbulos, etc, de uma forma ou de outra, associados, a serviço dos usineiros]. Marx assinala ainda que no salário por peça "(...) é naturalmente do interesse pessoal do trabalhador aplicar sua força de trabalho o mais intensamente possível, o que facilita ao capitalista elevar o grau normal de intensidade. Do mesmo modo, é interesse pessoal do trabalhador prolongar a jornada de trabalho, pois com isso sobe seu salário diário ou semanal." K. Marx, O Capital, v.II, Cap. XIX, Nova Cultural, 1983.

Aqui é importante fazermos uma distinção entre o 'salário por peça' a que se refere Marx e o salário por produção no corte da cana: nas situações analisadas por Marx, o trabalhador tinha conhecimento do quanto tinham produzido, pois multiplicavam a quantidade produzida pelo valor unitário. Ao contrário, no corte da cana, os trabalhadores estimam apenas quantos metros de cana cortaram num dia, mas não sabem o valor do metro de cana cortado. Segundo Francisco Alves, "Esse desconhecimento é decorrente do metro linear de cana não ter um valor fixado previamente. O valor do metro só é fixado depois que a cana foi pesada". Acrescente-se que a pesagem é realizada nas balanças das usinas, distantes do eito, longe dos olhos dos trabalhadores. Ou seja, no corte da cana assiste-se ao ressurgimento agravado de formas arcaicas, do início do capitalismo, de remuneração/exploração dos trabalhadores.

[3] – Durante a jornada de trabalho, dadas as terríveis condições e o enorme esforço físico despendido, um trabalhador chega a perder 8 litros de água, e com eles sais minerais. No final do dia, ele está desidratado e com câimbras. Na descrição do pesquisador Francisco Alves, da UFSCar, no artigo "*Por que morrem os cortadores de cana?*": "As câimbras começam, em geral, pelas mãos e pés, avançam pelas pernas e chegam ao tórax; elas são chamadas pelos trabalhadores de birola e provocam fortes dores e convulsões, dando a impressão de que o trabalhador está tendo um ataque nervoso." No artigo "*A morte ronda os canaviais paulistas*", a professora Maria Aparecida de Moraes Silva esclarece, com base em depoimentos de médicos, que "a sudorese, provocada pela perda de potássio pode conduzir à parada cardiorespiratória".

27/abril/2007

Acesse o sítio do CeCAC:  
[www.cecac.org.br](http://www.cecac.org.br)  
leia, discuta e divulgue!

## Do capitalismo utópico ao socialismo científico

Marco Antonio Villela dos Santos

*"A versão brasileira do pensamento único, de Collor a Lula, é a idéia tipicamente reacionária de que é possível conciliar uma boa democracia com imperialismo."* [1]

Discutíamos no CeCAC a posição da nossa "esquerda" diante da visita de Bush ao Brasil, quando veio à discussão um título famoso de Engels, "*Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*" porque através dele podemos explicitar a diferença entre a nossa posição enquanto marxistas-leninistas e a posição da auto-intitulada esquerda, debater e criticar os problemas colocados por ela em seus documentos; problemas como os de: "*um desenvolvimento nacional de longo fôlego, harmônico e virtuoso,*" como propõe José Reinaldo Carvalho. [2]

É evidente que já aqui começam nossas diferenças. Como marxistas-leninistas não nos colocamos o problema do desenvolvimento do Brasil enquanto país dominado no sistema imperialista - país entendido como um todo contraditório, com classes dominantes e dominadas inconciliáveis -, desenvolvimento este que hoje, nas condições da crise do imperialismo, vimos conceituando como o de regressão a uma situação colonial de novo tipo.

O sentido do desenvolvimento do Brasil, resultado de leis inerentes à reprodução do capital na economia mundial é problema do imperialismo e seus sócios, as classes dominantes brasileiras, e contra eles temos que nos bater na luta de classes, na luta diária contra a opressão e a exploração do povo brasileiro, povo no sentido que lhe dá Lênin, isto é, do conjunto das classes dominadas.

O que se coloca para nós é o projeto de libertação do proletariado e demais classes dominadas, que só é possível rompendo com o sistema imperialista e iniciando o caminho que leva ao socialismo, ao comunismo. O problema que se coloca para nós não é o de reformar o capitalismo, é o de fazer a revolução, rompendo com o imperialismo construir o socialismo como fase de transição ao comunismo. Como bem avaliou Niemeyer, em entrevista ao jornal *Correio Brasiliense*, no dia 18 de março de 2007:

*"Correio Brasiliense: O comunismo não é uma utopia?"*

**Niemeyer:** *Utopia é querer consertar o capitalismo, achar que ele poder ser melhorado. Está tudo errado, é uma doutrina de miséria, de egoísmo."*

Essa diferença expressa precisamente o cerne de nossas divergências que vamos tentar explicitar em seguida.

Engels escreveu seu trabalho "*Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*" para apontar a diferença "*essencial*", fundamental, que separava a sua teoria e a de Marx das doutrinas "*socialistas*" anteriores, e mesmo daquelas contemporâneas a eles. As doutrinas socialistas anteriores a Marx eram utópicas, a teoria marxista é científica.

Engels mostra que as doutrinas utópicas mesmo tendo como objetivo o que chamam de "*socialismo*", a construção de "*uma sociedade mais justa e igualitária*", baseiam a construção dessa sociedade em fundamentos morais, jurídicos ou religiosos, isto é, fundamentos não científicos. Ou, dizendo de outro modo, essas "*teorias socialistas*" baseiam-se em fundamentos ideológicos, noções da ideologia burguesa. São teorias reformistas, socialistas no discurso e capitalistas na prática. É só ver o trecho do trabalho de Engels que transcrevemos abaixo. [3]

O caráter ideológico burguês de seus fundamentos teóricos dá forma à concepção que estas doutrinas "*socialistas*" fazem não só dos fins que buscam alcançar, ou seja, do "*socialismo*" que querem construir como também dos meios de ação utilizados para construir esses fins.

As doutrinas "*socialistas*" que chamamos utópicas definem os fins do socialismo como o da construção de "*uma sociedade justa e igualitária*", isto é, uma "*sociedade*" fundada sobre os princípios de "*justiça*" e "*igualdade*", princípios morais, jurídicos ou religiosos que estas "*teorias*" traduzem em princípios econômicos e políticos tão utópicos quanto os princípios ideológicos em que se baseiam. Portanto, princípios que só tem vida no terreno da ideologia, ideais.

Por exemplo, o igualitarismo econômico, a negação de toda lei econômica, a reforma da sociedade pela educação, a reforma moral da economia, da política. Quem não lembra do "*movimento*" pela "*ética na política*", criado e capitaneado pelo PT com o radicalismo de quem faz uma revolução, contra a corrupção do governo Collor, e abandonado tão logo o PT chegou ao poder, não ao governo federal, mas muito antes quando elegeu os primeiros prefeitos?

Ao fazer uma representação ideológica tanto dos fins quanto dos meios para alcançar esta sociedade "*mais justa e igualitária*", a sociedade socialista, (socialismo, aliás, que tanto o PT quanto dezenas de tendências que se abrigam nele nunca definiram), as teorias utópicas permanecem prisioneiras das noções, dos princípios (princípio aqui no sentido de ditame moral) econômicos, jurídicos, morais e políticos da burguesia, presos à ideologia dominante, à ideologia da classe dominante e, assim, não podem romper com o sistema econômico-político-ideológico burguês, restando ou esquerdistas ou reformistas.

Concretamente, ao não conseguir romper com o domínio da ideologia burguesa, da ideologia dominante no modo de produção capitalista e ao se contentarem em criticar ou elaborar "*teorias*", na verdade construções ideológicas, para "*corrigir*" o sistema econômico-político-ideológico capitalista com princípios da ideologia burguesa, quer dizer com princípios da ideologia deste mesmo sistema, estas "*teorias*" - daqui para frente iremos chamar estas "*teorias*" pelo seu verdadeiro nome: ideologias - estão necessariamente, queiram ou não, prisioneiras no sistema capitalista. Não podem conduzir a revolução.

A partir destas ideologias, "*teorias*", só é possível pensar em reformar o capitalismo, objetivamente, na prática, ter como fim um capitalismo utópico e, como instrumento para a construção de um objetivo utópico, meios também utópicos.

Diga-se, a bem da verdade, que nossa "*esquerda*", partindo dos mesmos princípios ideológicos que Engels critica, noções morais como justiça e igualdade, não trata de defender um socialismo utópico, do que trata e defende é da construção de um capitalismo utópico, "... *um desenvolvimento nacional de longo fôlego, harmônico e virtuoso,*...".

Como os questionaria Marx? Um país, ou uma "*sociedade*", não se divide em classes inconciliáveis? Quer dizer que é possível um projeto de desenvolvimento para o país que sirva "*harmoniosamente*" a dominantes e dominados? Como

pensar uma sociedade mais justa e igualitária com a participação das classes dominantes e das classes dominadas?

É importante aqui abrir um parêntese para dizer que sabemos que numa fase do processo de revolução nos países dominados em que a contradição com o imperialismo é dominante, é possível atrair frações secundárias das classes dominantes para esta etapa, e esta possibilidade é da maior importância para construir a linha justa capaz de levar a cabo a revolução.

Não é este o caso, por exemplo, quando Carvalho argumenta que Lula fará diante de Bush a *"defesa dos supremos interesses do Brasil"*. De que *"interesses"* está falando? Dos interesses *"supremos"* da classe dominante ou os da classe dominada?

Da mesma maneira, quando o Secretário de Relações Internacionais do PCdoB diz que a visita de Bush não trará benefícios em relação à *"taxação das nossas exportações de etanol para o mercado norte-americano"*, na prática defende os interesses do agronegócio da cana, setor das classes dominantes profundamente integrado no sistema imperialista.

E o que o secretário não diz é que esse *"supremo interesse do Brasil"*: as *"nossas exportações de etanol"*, estão baseadas na mais vil exploração de um trabalho quase escravo. Que 60% da cana-de-açúcar produzida no país ainda é colhida manualmente. Que a agroindústria da cana é a que mais infringe a legislação trabalhista. Que o piso salarial mal ultrapassa o salário-mínimo. Que a média de vida útil como cortador de cana é de apenas 5 a 7 anos. Que a chamada *'birola'*, morte por excesso de trabalho, teria matado 15 trabalhadores em São Paulo entre 2004 e 2005. [4]

Não adianta de nada a utopia da *"harmonia"*. O capitalismo continua a ser e será cada vez mais em sua fase imperialista o regime da exploração da classe operária, dos camponeses e das demais massas trabalhadoras. Com o grau de exploração da força de trabalho, a intensidade e brutalidade desta exploração, sendo determinados pela luta de classes, pelo nível de resistência das classes dominadas.

O que a posição do PCdoB mostra é apenas que virou as costas aos interesses desse povo, virou as costas ao seu próprio nome. Enquanto isso, no mundo real, Lula afirma que é *"necessário caminhar mais para que Brasil e Estados Unidos cheguem 'ao ponto G' das negociações"*. [5] Qualquer semelhança com as *'relações carnavais'* que a Argentina de Menem mantinha com os EUA não é mera coincidência...

Porém, temos a obrigação de reconhecer que Lula nunca quis enganar ninguém, sempre negou a afirmar-se socialista e agora declara, em alto e bom som, que nem de esquerda é, visto que, segundo ele, depois dos 60 anos qualquer pessoa de bom senso, deve ser de centro. Negação essa que se comprova mais a cada dia, em seu governo que hoje reúne a maioria da representação política das diversas frações da classe dominante, onze partidos - do PP, PTB, passando pelo PMDB e até o .... PCdoB.

Nesse sentido, podemos afirmar que nem a *"direita neoliberal representada por Alckmin"* colocaria em prática uma política tão de *"direita"* e tão *"neoliberal"*, como a política do governo de Lula, PT, PC do B e quejandos (entre os quais temos de incluir o PMDB, PTB, PR, etc.) com os *"caixas dois"*, os *"mensaleiros"*, *"alopradados"*, que tomaram conta do poder. O que, aliás, não é novidade. Como já dissemos, quando escrevemos que Lula governa com o esgoto a céu aberto, o capitalismo, como toda a sociedade com exploração de classe é, por *"essência"*, corrupto. [6]

Como se ainda fossem necessários outros exemplos de ações que nem a direita conseguiu fazer no governo - como superávit primário recorde para pagar banqueiros e rentistas; repagar antecipadamente (!) parte da dívida externa; aumentar os lucros dos bancos; isentar de impostos o capital estrangeiro; etc. [7] - Lula declara, no dia 3 de março de 2007, em Georgetown, na Guiana, que *"Há abusos em greves, não apenas no setor público, mas em outras categorias"* e que, por isso, seu governo vai *"regular"*, isto é, em português claro, restringir/limitar o direito de greve.

Na véspera, seu ministro do Planejamento já afirmara: *"tem que ver qual é o limite, como é que tem que funcionar. Acho inclusive que, em alguns serviços, tem de ser proibida a greve, alguns serviços essenciais que temos de preservar"*. [8]

É Lula quem, a serviço da *"hegemonia total"* do capital se põe a seu serviço para *"... impor novas condições nas relações de trabalho"*, processo que se iniciou em Collor/FHC e prossegue com Lula, relações que servem ao processo de regressão.

Da mesma forma, nossa *"esquerda"* cria a ficção da burguesia nacional, da classe dominante brasileira dividida antagonicamente entre um setor capaz de defender *"... um desenvolvimento nacional de longo fôlego, harmônico e virtuoso..."* e outro cujo *"... projeto de inserção do Brasil no mundo continua sendo a submissão e o alinhamento automático aos Estados Unidos"*. (Reinaldo Carvalho)

Ou será que a nossa *"esquerda"* crê em um projeto de *"... desenvolvimento nacional de longo fôlego, harmônico e virtuoso..."* ? Veja que aqui se trata de desenvolvimento capitalista e será que esses capitalistas que defendem o tal projeto nacional *"harmônico e virtuoso"* seriam os *"bons burgueses"* com que sonham os *"capitalistas utópicos"*?

Quando se viu isto? Desde Cabral, a classe dominante no Brasil, no fundamental, serve ao sistema colonial, ao antigo sistema colonial ou ao novo sistema, o imperialismo; e desde que existem classes e Estados, o Estado serve à classe dominante. Engels explica isto direitinho em *"A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado"*. Explicação que pode ser, grosso modo, resumida no trecho abaixo:

*"Como o Estado nasceu da necessidade de conter o antagonismo das classes, e como, ao mesmo tempo, nasceu em meio ao conflito delas, é, por regra geral, o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante, classe que, por intermédio dele, se converte também em classe politicamente dominante e adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida... o moderno Estado representativo é o instrumento de que se serve o capital para explorar o trabalho assalariado."* [9]

De nossa parte assumimos o marxismo-leninismo, teoria científica que não só não parte da aplicação de ditames morais, jurídicos e políticos burgueses para transformar as formações econômico-sociais capitalistas, como também critica, tanto estes princípios como parte da ideologia burguesa, quanto o sistema econômico-político-ideológico burguês, critica o sistema capitalista, para superá-lo de forma radical, pela construção da sociedade socialista, caminho para o comunismo.

A crítica que a teoria marxista-leninista faz ao sistema capitalista repousa no conhecimento científico do conjunto que constitui o sistema capitalista, uma totalidade orgânica, da qual a economia, a política e a ideologia são instâncias articuladas umas dentro das outras/sobre as outras, de

acordo com leis, atendendo a leis específicas e objetivas.

É este conhecimento que nos permite definir nosso objetivo como o da construção do socialismo, concebendo-o como um período de transição para um novo modo de produção, o comunismo, como o modo de produção que sucederá o modo de produção capitalista. Socialismo e comunismo que não são criações ideais, porém resultado concreto, objetivo, da superação do modo de produção capitalista.

Este conhecimento também nos permite definir os meios de ação, a tática, a linha justa para fazer a revolução, concretizados na prática militante e na ação revolucionária, meios que não dependem de uma escolha moral, mas que são impostos pela necessidade histórica.

Linha justa para fazer a revolução que só pode ser definida a partir do conhecimento científico do papel determinante, em última instância, das relações materiais de produção em cada formação econômico-social, do papel decisivo da luta de classes nessas transformações e do papel da consciência revolucionária. Consciência revolucionária porque armada da teoria científica e da organização revolucionária na luta de classes, instrumentos de análise, conceitos, conhecimento que só o marxismo-leninismo, enquanto teoria revolucionária do proletariado, nós dá.

Da mesma forma é a aplicação da teoria científica que permite definir a classe operária como a única classe radicalmente revolucionária no seio das classes dominadas, a única capaz de organizá-las, elevar seu nível de consciência à compreensão científica de cada formação econômico-social concreta, e dirigi-las a partir de uma linha justa construída a partir da análise concreta, quer dizer científica, de cada conjuntura concreta, para transformação revolucionária da sociedade. Definir as formas de organização justas na luta econômica e política, a natureza e o papel do Partido de Vanguarda da Classe Operária, e as formas de luta teórico-ideológicas.

Só a partir do ponto de vista de classe do proletariado é possível às classes dominadas romper com a ideologia dominante, romper com as doutrinas reformistas, enfrentar o cavalo de tróia do revisionismo e superar a utopia da reforma do capitalismo num sistema mais justo e igualitário, mais "humano".

\* \* \*

#### Notas:

[1] VASCONCELOS, Gilberto Felisberto. *Eles Não Querem a Pátria Livre nem estão a fim de morrer pelo Brasil*. In. Revista Caros Amigos Especial, n.º. 26, dez./2005, pg. 29.

[2] "Bush, visitante indesejável", Declaração de José Reinaldo Carvalho, secretário de Relações Internacionais do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, sobre a visita do presidente dos Estados Unidos. São Paulo, 07 de março de 2007. (<http://www.vermelho.org.br/base.asp?texto=14415>)

[3] 24.ª Pergunta: Como se diferenciam os comunistas dos socialistas?

Resposta: Os chamados socialistas dividem-se em três classes.

...

A segunda classe consiste nos partidários da sociedade actual aos quais os males dela necessariamente decorrentes provocaram apreensões quanto à subsistência desta sociedade. Eles procuram, por conseguinte, conservar a sociedade actual, mas eliminar os males que a ela estão ligados. Com este objectivo, propõem, uns, simples medidas de beneficência, outros, grandiosos sistemas de reformas que, sob o pretexto de reorganizarem a sociedade, querem conservar as bases da sociedade actual e, com elas, a sociedade actual. Estes socialistas burgueses terão igualmente de ser combatidos constantemente pelos comunistas, uma vez que eles trabalham para os inimigos dos comunistas e defendem a

sociedade que os comunistas querem precisamente derrubar.

A terceira classe consiste, finalmente, nos socialistas democráticos que, pela mesma via que os comunistas, querem uma parte das medidas indicadas na pergunta 18 [Medidas da revolução como "restrição da propriedade privada mediante impostos", "expropriação gradual", "confisco dos bens", etc.]; porém, não como meio de transição para o comunismo, mas como medidas que são suficientes para abolir a miséria e fazer desaparecer os males da sociedade actual. Estes socialistas democráticos ou são proletários que ainda não estão suficientemente esclarecidos acerca das condições da libertação da sua classe; ou são representantes dos pequenos burgueses, uma classe que, até à conquista da democracia e das medidas socialistas dela decorrentes, sob muitos aspectos tem os mesmos interesses que os proletários. Por isso, os comunistas entender-se-ão, nos momentos de acção, com esses socialistas democráticos e em geral terão de seguir com eles, de momento, uma política o mais possível comum, desde que esses socialistas não se ponham ao serviço da burguesia dominante e não ataquem os comunistas. É claro que este modo de acção comum não exclui a discussão das divergências com eles. (Engels, F., *Princípios Básicos do Comunismo* [1847], Editorial "Avante!" – Edições Progresso Lisboa – Moscovo, 1982.) Reproduzido de: <http://www.marxists.org>.

[4] Sobre a 'birola', "O médico Nereu Krieger da Costa, da região de Ribeirão Preto, atuou mais de dez anos em usinas e já atendeu vários casos similares: - Na maioria dos casos os cortadores morrem em casa. Nos laudos escrevem parada cardíaca ou algo assim. É difícil comprovar as mortes da cana, mas a Pastoral tem conseguido algumas. Não há pesquisas. Mas geralmente é pelo excesso de trabalho, que é muito duro." O Globo, 18.03.07, pg. 8.

[5] "Bush deixa o Brasil com acordo para formar mercado de álcool", G1 (da Globo), 09/03/2007 (<http://g1.globo.com/Noticias/Economia/0,,MUL10289-5599,00.html>)

[6] "A Crise do Governo Lula ou Governando com o Esgoto a Céu Aberto", 2 de julho de 2005 ([http://www.cecac.org.br/matérias/A\\_Crise\\_do\\_Governo\\_lula.htm](http://www.cecac.org.br/matérias/A_Crise_do_Governo_lula.htm))

[7] Para mais detalhes – e números! – dos benefícios do governo Lula à burguesia, em especial financeira, ver nosso texto "Os Dragões da Maldade Contra o Santo Guerreiro", de 15 de fevereiro de 2007 (<http://www.cecac.org.br/MATERIAS/SantoGuerreiro2007.htm>)

[8] A notícia teve repercussão na imprensa, todos os órgãos corroborando as frases transcritas acima, a saber: - FSP, 03/03/2007, pg. A4

- G1 (da Globo): "Lula defende limitar greve de servidores" no qual há, inclusive vídeo com a declaração de Lula sobre "abusos", 03/03/2007 (<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL8797-5601-126,00.html>)

- Agência Estado: "Governo de trabalhador tem moral para limitar greve, diz Lula" (<http://www.estadao.com.br/ultimas/nacional/noticias/2007/mar/03/49.htm>)

- Terra: "Lula quer regras para conter 'abuso de greves'" (<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1450199-EI7896,00.html>)

- Agência Brasil (da Radiobrás): "Lula diz na Guiana que pedirá ao Congresso ratificação de regras da OIT para servidor público" (<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/03/03/materia.2007-03-03.6751986771/view>)

- Vermelho (do PCdoB): "Wagner Gomes lamenta ação do governo contra direito de greve" (<http://www.vermelho.org.br/base.asp?texto=14233>)

[9] Engels. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 10ª edição, 1985, pg. 193-194.

22/abril/2007

## Homenagem a Ho Chi Minh e à vitória do povo vietnamita contra a agressão imperialista



A guerra do povo do Vietnã, sob liderança de Ho Chi Minh, impôs uma fragosora derrota em 1975 às tropas de ocupação do imperialismo norte-americano.

Após a vitória contra a ocupação japonesa, em 1945, foram mais dez anos de guerra para expulsar os franceses, derrotados na batalha de Dien Bien Phu, em 1954.

Nas lutas de libertação, todo o povo se mobilizou, encontrou soluções, criou formas para expulsar os invasores e derrotar os mais poderosos exércitos.

A guerra de resistência do Vietnã é um exemplo da capacidade dos povos oprimidos de vencerem o imperialismo.

Em homenagem a Ho Chi Minh e à luta do povo vietnamita, apresentaremos no CeCAC o filme "Corações e Mentes", de Peter Davis (EUA, 1974), no dia 31 de maio de 2007.

## 9 de maio: Dia da vitória na guerra antifascista

Nove de maio é a data em que o povo soviético comemora o Dia da Vitória contra o fascismo. Passados sessenta e dois anos do final da II Guerra Mundial vale refletir sobre a imensa campanha que, há décadas, vem sendo lançada contra a figura de Stalin, na verdade, contra o líder do povo soviético nessa vitória. Sobre o papel de Stalin na preparação da URSS para a guerra **reproduzimos no sítio do CeCAC: "Stalin preparou mal a guerra antifascista?"**, de Ludo Martens.

**Leia em:**

[www.cecac.org.br/MATERIAS/Dia\\_da\\_Vitoria\\_2007.htm](http://www.cecac.org.br/MATERIAS/Dia_da_Vitoria_2007.htm)

## 1º de maio: dia de unidade e luta dos trabalhadores!

No Dia Internacional dos Trabalhadores, o CeCAC prestou homenagem à classe operária e aos trabalhadores, denunciando a exploração dos cortadores de cana que são obrigados a suportar jornadas de mais de 10 horas em condições de semi-escravidão, produzindo uma média de 12 toneladas de cana-de-açúcar por dia, e resgatando sua luta.

Foi exibido o documentário "Califórnia à Brasileira", de Beto Novaes (Brasil, 1991), que retrata as péssimas condições de vida e de trabalho e resgata a história de luta dos cortadores de cana.

O documentário traz imagens de época da histórica greve de Guariba – SP, em 1984, quando milhares de trabalhadores exigiram melhores salários e melhores condições de vida e trabalho, sendo duramente reprimidos pela polícia militar.

O documentário mostra também como o aumento do desemprego, a expansão do agronegócio para exportação e o aumento da mecanização do corte da cana levaram os cortadores de cana a se sujeitarem às condições de superexploração atuais.

**Confira também a matéria neste boletim**  
**Lula: usineiros de bandidos a heróis**



**CeCAC - Horário de funcionamento:**

de segunda a sexta das 14 às 18h

Tel: (21) 2524-6042 e-mail: [cecac@terra.com.br](mailto:cecac@terra.com.br)  
sítio: [www.cecac.org.br](http://www.cecac.org.br)